

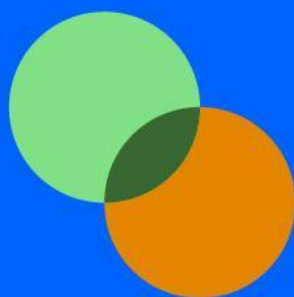
Arquivo Pedagógico

Título: Sonhos Voadores

Idade
sugeridas

+9

Áreas de aprendizagem:
Cidadania, convivência e direitos.
Ambientes históricos e culturais.





APRESENTAÇÃO

O curta-metragem narra a história de um menino afrodescendente que sonha em ser astronauta. A narrativa propõe uma viagem na qual se recupera a importância dos conhecimentos ancestrais e o valor da música e da dança como formas de celebração e resistência compartilhadas que sustentam o percurso. A proposta convida a ultrapassar os limites do possível e a reafirmar que os sonhos não têm dono.

PERGUNTA DE GATILHO: Levantamento de conhecimento prévio

Alguma vez alguém lhe disse que você não podia sonhar algo só por causa de quem você é?

- Por que você acha que eles riam do Theo, o protagonista da história? Isso é justo?
- Que coisas da sua família e do seu bairro lhe dão força para sonhar?
- Que músicas, comidas, danças ou histórias lhe lembram quem você é?

BREVE ESBOÇO DA TAREFA

Nesta ficha, exploramos como os sonhos, a memória e os conhecimentos afrodescendentes se entrelaçam para construir identidades e futuros possíveis. As atividades convidam a conhecer histórias de vida, a relacionar o pessoal com o coletivo e a refletir sobre as formas de discriminação naturalizadas. Por meio de diferentes propostas, busca-se visibilizar como a cultura afrodescendente transforma a exclusão em criatividade, arte e organização coletiva, ampliando os limites do possível.



NOS CONCENTRAMOS EM SABER

Um diário de bordo é um registro vivo de uma viagem, um conjunto de notas sobre o percurso. Neste caso, a proposta visa conhecer as trajetórias de vida de pessoas afrodescendentes que sonharam com futuros diferentes e que, com suas ações, desafiaram as barreiras do possível, abrindo caminhos para outros.



CONHECER

Diários de quem sonhou. Histórias afrodescendentes.

Em nosso continente, milhões de africanos foram escravizados e forçados a abandonar suas terras. Após a abolição da escravidão, suas histórias foram em grande parte negadas e invisibilizadas, e até hoje as comunidades afrodescendentes enfrentam formas de racismo e discriminação que precisam ser reconhecidas e transformadas. Conhecer as histórias de vida de diferentes pessoas que desafiaram seu tempo é uma forma de nos aproximarmos de seus sonhos, suas lutas e seus legados.

Oferecemos alguns exemplos como ponto de partida, você pode acrescentar referências locais ou histórias de outras pessoas.

Charles Bolden (Estados Unidos, 1946).

Quando criança, na Carolina do Sul marcada pela segregação, ele sonhava em voar, embora muitos lhe dissessem que isso não seria possível para “um menino negro”. Com coragem e perseverança, ele não só se tornou general da Marinha e astronauta – viajando quatro vezes ao espaço –, mas também se tornou o primeiro afrodescendente a dirigir a NASA. Sua vida mostra que os sonhos da infância, mesmo aqueles que parecem impossíveis, podem abrir novos caminhos para outras pessoas.

María Remedios del Valle (Argentina, 1766 – 1847).

Mulher afrodescendente corajosa e determinada, destacou-se na luta pela independência da Argentina. Participou de batalhas, cuidou dos feridos como enfermeira e também lutou como soldado. Sua coragem e comprometimento foram reconhecidos por Manuel Belgrano, que a chamou de “Mãe da Pátria”.

Mercedes Baptista (Brasil, 1921 – 2014).

Foi a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, enfrentando a discriminação e desafiando as expectativas. Teve diferentes empregos, mas foi como bilheteira num cinema que descobriu o fascínio pelo mundo das artes e da dança. Como bailarina e coreógrafa, criou uma técnica que funde a dança clássica com ritmos africanos, levando a herança de sua cultura a cada movimento e deixando uma marca que inspiraria futuras gerações de bailarinos.

Virginia Brindis de Salas (Uruguai, 1908 – 1958).

Dedicou sua vida à poesia, ao jornalismo e ao ativismo, defendendo com coragem a identidade afrodescendente em uma época de profundas lutas pela igualdade. Publicou os livros de poesia *Pregón de marimorena* e *Cien cárceles de amor*, tornando-se a primeira mulher negra a publicar um livro na América Latina. Seus versos denunciavam as injustiças vividas pelas comunidades negras.

Nicomedes Santa Cruz (Peru, 1925 - 1992). Poeta, músico e folclorista afro-peruano, dedicou sua vida a resgatar e difundir a música e a décima afro-peruana, celebrando as raízes e a identidade de seu povo. Viajou pela América Latina e participou de festivais promovendo a cultura afro em diferentes países da região. Seus versos, cheios de orgulho e resistência, afirmavam: “De ser como sou, me alegre; ignorante é quem critica. Que minha cor seja negra, isso a ninguém prejudica”.

Para se aproximar da vida de cada uma dessas personalidades, pode-se começar explorando sua biografia e conhecendo como foi sua vida, prestando atenção aos momentos mais significativos e às decisões que marcaram sua trajetória. É importante situá-las em seu contexto histórico: pensar na época e no lugar em que viveram, o que acontecia em seu país e no mundo, e quais eram os desafios sociais e políticos que a comunidade afrodescendente enfrentava naquela época.

Também é valioso revisar textos escritos por elas mesmas, como poemas, artigos, cartas, memórias ou ensaios, para refletir sobre as ideias que transmitiam e como percebiam o mundo em que viveram. Por sua vez, pode-se rastrear como suas contribuições deixaram marcas em instituições, movimentos sociais, obras de arte ou mudanças culturais e políticas que ainda ressoam hoje. Por fim, convém investigar se existem diferentes visões sobre cada pessoa, identificando quais aspectos de sua vida se destacam e quais foram invisibilizados.

Para concluir, propomos integrar todas as informações coletadas em um diário de histórias inspiradoras, organizado de forma clara, para poder compartilhá-lo com outras pessoas e dar visibilidade às conquistas, valores e legados dessas personalidades afrodescendentes cujas histórias foram negadas e invisibilizadas por muito tempo, e cuja memória é fundamental para construir sociedades mais justas e igualitárias.



NOS CONCENTRAMOS EM FAZER

Em muitas culturas africanas, o futuro não é entendido apenas como o que está por vir, mas como algo que é tecido coletivamente a partir das raízes do passado e das ações do presente. Iwajú é uma palavra iorubá que convida a olhar além do presente: para futuros possíveis, para o que pode ser construído ou transformado. Com esta atividade, propomos que cada criança possa reunir uma coleção de objetos que nos ajudem a ligar a memória aos sonhos, o ancestral ao cotidiano, o individual ao coletivo.



FAZER

Guardiões das memórias, criadores de futuros.

Primeiramente, você pode propor a cada aluno que escolha um objeto que dialogue com o que foi trabalhado no capítulo Sonhos voadores, especialmente algo que esteja ligado à cultura afro. Pode ser uma referência à música, à dança, a uma palavra, a um símbolo ou a uma história.

É importante lembrar que, em nosso continente, muitas expressões artísticas e culturais afrodescendentes têm sido fundamentais para a identidade e a história de nossos povos, embora muitas vezes sua presença e contribuição tenham sido negadas ou invisibilizadas.

Em seguida, o convite será procurar um objeto que represente a comunidade e o lugar onde cada um vive, algo que possa contar um pedacinho da história compartilhada do bairro ou da cidade em que estão. Em seguida, será proposto olhar para a escola e, em pequenos grupos, escolher um objeto especial que a represente: pode ser um canto querido do prédio, uma produção dos alunos ou um elemento que resuma a vida cotidiana e a identidade da escola em que vivem. Depois, propomos que voltem o olhar para as famílias. Será o momento de procurar conversas com os mais velhos, de ouvir histórias e memórias, para encontrar um objeto significativo que guarde um vínculo com a memória familiar.

Podemos acompanhá-los na busca por esses objetos, perguntando se há elementos que foram transmitidos de geração em geração, algo que os acompanhou em um momento difícil ou que faz parte de celebrações familiares importantes. Por fim, a proposta será escolher um objeto que expresse um desejo, um sonho profundo, algo que se queira ser ou alcançar no futuro. Algumas perguntas que podem acompanhar essa busca podem ser: o que vocês gostariam de ser ou fazer? O que os faz sentir mais felizes? Que desafios vocês têm pela frente? Há algo em sua comunidade,

sua escola, que vocês gostariam de transformar? Que elemento poderia representar isso? Que objeto pode falar sobre o que os identifica?

É importante acompanhar essa experiência de forma que a busca por objetos se torne um motor de conversas, uma oportunidade para parar e refletir sobre o cotidiano e também para mergulhar em memórias e lembranças: não se trata simplesmente de reunir objetos, mas de descobrir as histórias que os habitam. Inspirada em um elemento central da cultura afro, a proposta convida a reconhecer o valor do conhecimento daqueles que têm mais experiência e a conectar os próprios projetos com as histórias da comunidade e da família.

Cada objeto pode ser acompanhado por uma breve explicação que explique por que foi escolhido e quais são suas ligações com o passado, o presente e o futuro. Ao final, os objetos poderão ser expostos em um pequeno museu de memórias e sonhos, onde o pessoal, o familiar e o comunitário se entrelaçam para sustentar a construção de futuros singulares e compartilhados.



NOS FOCAMOS NO SER

A linguagem não só nos permite comunicar, como também reflete e molda a forma como percebemos os outros e o mundo do qual fazemos parte. No nosso dia a dia, existem expressões que usamos sem questionar, mas que encerram ideias racistas ou discriminatórias naturalizadas. Essas formas de falar reproduzem estereótipos e contribuem para invisibilizar a riqueza e a diversidade das identidades afrodescendentes. Nesta proposta, convidamos você a questionar essas expressões e refletir sobre o poder da linguagem: quais ideias elas transmitem, quais pessoas afetam e como podemos construir formas de nomear e pensar que sejam respeitosas, inclusivas e livres de preconceitos.



SER

Em primeiro lugar, sugerimos que o grupo reflita sobre a ideia generalizada de que “cor da pele” se refere apenas a uma cor clara. Algumas perguntas que podem orientar a discussão:

Por que vocês acham que muitas vezes se usa “cor da pele” para se referir apenas ao bege ou ao branco? Que cores de pele vocês conhecem em sua família, em seu bairro ou na escola? O que isso nos diz

sobre o que é considerado “normal” ou “padrão” em nossa sociedade? Como poderíamos mostrar que a pele tem muitos tons e que todos são igualmente valiosos? Como mudaria nossa maneira de nos ver e nos relacionar se deixássemos de assumir que a “pele” é apenas clara?

Também podemos refletir sobre a associação que existe entre a palavra “negro” e o ilegal ou negativo. Algumas perguntas para orientar a reflexão: De onde vocês acham que vem a expressão “trabalho ilegal” ou “dinheiro sujo”? Por que associamos a palavra “negro” a algo ilegal, ruim ou negativo?

Como essas expressões afetam a percepção das pessoas afrodescendentes? Qual é a relação entre essas expressões e a história de discriminação e racismo em nosso continente? Que lições essa análise nos deixa para nossa vida cotidiana? Partindo da reflexão sobre expressões como “cor da pele” ou “trabalho ilegal”, propomos refletir sobre outras frases que possam ser discriminatórias ou que reproduzam preconceitos semelhantes. Alguma vez você disse algo que, sem perceber, poderia ser discriminatório ou racista? Como você reagiu quando ouviu comentários desse tipo ao seu redor? O que você gostaria de ter dito ou feito de diferente?



METACOGNIÇÃO

Os *adinkra* são símbolos gráficos originários do povo Akan, de Gana, por volta do século XVIII, usados inicialmente em tecidos cerimoniais da realeza. Cada símbolo encerra um conceito, provérbio ou ensinamento. Com o tempo, transcenderam seu contexto original e hoje aparecem em roupas, móveis, arquitetura ou logotipos, como forma de reconhecer e difundir seu valor cultural.

Propomos que, a partir de diversos símbolos Adinkra, os alunos possam expressar alguns dos aprendizados adquiridos ao longo da proposta.



O símbolo Mate Masie significa “eu ouvi e guardei”. É um símbolo de sabedoria e conhecimento. Convidamos vocês a selecionar algo que tenham “ouvido e guardado”, algo que tenham aprendido e que seja valioso para vocês.



O símbolo Nea ONNim é um símbolo de educação permanente, de busca contínua pelo conhecimento. Convidamos você a selecionar algo sobre o qual gostaria de se aprofundar. Que aspecto da cultura afrodescendente você gostaria de continuar conhecendo?



O símbolo Dono Notas significa “o duplo doador” e representa dois tambores unidos. Eles simbolizam a união para a ação, força, unidade e acordo. Propomos que reflitam sobre algum acordo coletivo surgido a partir das trocas. Que acordos compartilhados puderam ser gerados para fortalecer laços e formas de se relacionar livres de preconceito, racismo e discriminação?



O afrofuturismo é uma corrente cultural e artística que convida a imaginar futuros possíveis a partir da perspectiva das comunidades africanas e afrodescendentes. Combina ficção científica, tecnologia, mitos africanos e experiências da diáspora negra para criar narrativas alternativas que questionam os vestígios do colonialismo e da escravidão. Ele se expressa na literatura, na música, no cinema e nas artes visuais, e faz da criatividade e da inovação tecnológica ferramentas para desarmar estereótipos raciais. Essa proposta cultural oferece múltiplas produções que podem ser recuperadas na escola para serem analisadas, compartilhadas e trabalhadas de forma integrada entre diferentes áreas, linguagens e disciplinas.

escolaplus



escolaplus.com

escolaplus.brasil@sky.com.br

SKY+ DIRECTV



FUNDACIÓN
Norma y Leo
Wertheim